



DIRECTOR: JÚLIO HILARIÃO VAZ
ANO XLVIII — Nº 1003
15 de Março de 1994

QUINZENÁRIO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15

Preço Avulso — 80\$00
Tiragem da última edição
1.800 exemplares



PORTE PAGO

De novo, ao Brasil — VI

Visita em S. Paulo ao escritor Miguel Ângelo Barros Ferreira



São Paulo 17-11-93. Barros Ferreira e P. Júlio

Tivemos o grato prazer de, na visita efectuada, em Novembro do ano passado, ao Brasil, conhecermos duas figuras melgacense de gabarito intelectual: o escritor Miguel Ângelo Barros Ferreira e o médico cirurgião, Gervário da Cunha Gonçalves. O primeiro vive em S. Paulo e o segundo em Petrópolis.

Porque estamos, ainda, naquela cidade, vamos referir essa figura destacada de melgacense e de escritor Miguel Ângelo Barros Ferreira.

Porque soubéramos que estivera enfermo, escrevemos-lhe, com antecedência, a pedir-lhe autorização para o visitarmos.

O grupo era o que se havia constituído: o Manuel Félix Igrejas, o António Evangelista Pires e o José Porfírio Lourenço e o Alexandre, genro do Abelardo Reinales, que nos transportou até ao bairro Jardim Aeroporto.

A casa do ilustre escritor expressa alegria, intimidade e intelectualidade.

Recebeu-nos a Esposa, D.ª Conchita, a qual, sempre presente ao lado do marido, preferiu falar-nos com a emoção do encontro, em que se tributava uma homenagem sincera a um grande melgacense e a um notável escritor.

O silêncio de D. Conchita, seus olhos vidrados que falavam, e seu coração enternecido com o momento que vivíamos, trouxemo-los para Portugal, e bem desejávamos que na nossa vila de Melgaço houvesse uma rua, um busto, onde pudesse depor todo o encantamento que vivi e trouxe e a beleza interior da casa tão bem arranjada, enriquecida com livros e belamente alindada com flores escolhidas.

Encontramo-lo numa cadeira apropriada à sua doença, que lhe feriu as forças físicas. Mas que, felizmente,

não lhe atingiu o cérebro, que é brilhante, nem os lábios de eloquência comunicativa, viva e interessante.

O escritor nasceu na Vila, na nossa vila, e reconstituiu, para nós, todo o ambiente arquitectónico, histórico, geográfico e cívico do seu tempo.

O Manuel Félix Igrejas, que nasceu perspicaz, nobremente curioso, de uma sagacidade espantosa, investiu com o escritor com perguntas de toda a ordem. Miguel Ângelo Barros Ferreira respondeu a todas, corrigiu algumas, e revelou-se, não obstante as consequências da doença, um mapa vivo da nossa terra e de uma enciclopédia actualizada. Foram longos minutos de encantamento, de ilustração e de cultura.

Este nosso conterrâneo e ilustre escritor foi um jornalista consagrado.

Do seu belo romance «Maria dos Tojos» saiu o filme «Serra Brava» que projectou a nossa linda terra em Portugal inteiro.

Como já escreveu, Manuel Félix Igrejas, o escritor Manuel Ângelo Barros Ferreira «tem sido bastante explorado sem receber qualquer benefício financeiro das suas obras». Até o filme «Serra Brava».

Pessoa honrada e desprendida, cidadão exemplar, na sua terra e em terra estrangeira, jornalista fogaoso e estilista brilhante, Miguel Ângelo Barros Ferreira, ainda não recebeu a homenagem a que tem direito na sua e nossa terra de Melgaço, homenagem que perpetue aos vindouros essa figura melgacense que tanto ama a sua vila, o seu concelho e a sua e nossa gente. Aqui lhe deixamos a nossa homenagem e, com ela, a saudade que nos ficou do encontro maravilhoso em sua casa de S. Paulo. Quando nos despedimos, todos os que tivemos a

honra de ser recebidos, ao retomarmos os nossos lugares no automóvel, confessamos em uníssono a nossa admiração respeitosa pelo conterrâneo, que, não obstante a falta de saúde, não ensinou como é a alma melgacense quando sente o coração dos conterrâneos bem perto e lhes escuta a sua Voz. E, isto, não obstante a falta de saúde, que, mesmo assim, operou este milagre: o doente que nos comunicou alegria e saber, ocultando possivelmente, a dor psicológica de nos não poder estreitar fortemente no grande abraço da despedida!...

Obrigado, querido Amigo, pela homenagem que nos concedeu, recebendo-nos, e pela lição de bairismo com que nos ilustrou. Obrigado.

Em Dezembro e a preceder a grande festa do Natal, surpreendeu-me com os cumprimentos de Boas Festas. Quis, no entanto, aproveitar o ensino para me comunicar a sua impressão a respeito do meu livro «Na Terra de Inês Negra» que lhe havia ofertado.

Não podendo escrever senão com



O escritor, a esposa D. Conchita, António Evangelista e P. Júlio

muita dificuldade ainda gravou: «Agradeço o livro, que li e achei excelente».

O cartão de Boas Festas, cuja capa contém a Virgem Santíssima com o Menino, continha este belo pensamento: «Se é hora de partir, parte: caminhos foram feitos para andar-se. Quando cansares, volta à casa: portas se abrem a quem bate. Entra em paz como filho que regressa à luz de onde nasceu e onde renasce».

Miguel Ângelo Barros Ferreira abriu-nos as portas de sua casa e abriu-nos o seu coração. Guardamos, para sempre, esse encontro, em nosso coração agradecido.

Obrigado.

Júlio Vaz

Viticultores de Melgaço Haver ou ter: que opção?!...

Nas sociedades anónimas (S.A.), quem estabelece as regras do jogo, define estratégias e toma decisões, é, sempre, quem, dispondo de mais capital (dinheiro), possui maiores cotas ou mais acções. Com frequência, acontece, umas e outras são transacionadas, por cedência ou venda, para outro ou outros; que em jogos de Bolsa se especializaram e fazem carreira. Faz-se ainda, quantas vezes, a subida ou descida do valor dessas cotas ou acções, através de jogos financeiros fictícios, bastando, para tal, aumentar ou diminuir a relação da oferta e procura.

Um exemplo: Em relação a uma sociedade anónima vitícola pode acontecer que, a dado momento, um peixeiro de Matozinhos ou Nazaré detenha a maior cota ou acções dessa sociedade. Isto, claro está, se o peixeiro estiver interessado em investir em vinho; e o accionista vinhateiro a utilizar o capital remido em outro empreendimento ou negócio que no momento o estimule mais e lhe prometa maior lucro. Definindo: Especulação!

O possuidor de uma cota pequena, ou poucas acções, não tendo o direito de intervir nas decisões que a «Sociedade» toma, fica-lhe apenas a esperança de que os que decidem e mandam são pessoas honestas, de correctas atitudes, e competentes no lugar que o dinheiro mandou.

Poderá haver uma subjacente filantropia dos que têm dinheiro, em relação aos que o não têm? Pode! Mas... a grande ceara do capitalista é a carência do necessitado.

A incorporação de mais valias no património da Empresa, ou aumento de capital, através da emissão de acções ou aumento de cota, é outro processo a que as Sociedades Anónimas recorrem, quando surgem problemas financeiros, ou conveniência de ampliação das estruturas. O Conselho de Administração propõe; o Conselho Fiscal defere; a Assembleia Geral aprova. São as três vertentes, de uma só vontade.

Quanto ao sucesso ou fracasso das S.A., os exemplos encontram-se relatados todos os dias nos meios de comunicação social, sendo a «TORRALTA», um caso paradigmático para o pequeno accionista. As falências atingiram tal dimensão, que, transformando-se em notícia comum, já pouco desperta a atenção do cidadão. Sente-se, apenas,

que os principais construtores de tais situações, pouco danificados saem, financeiramente, das roturas que criaram; ou pelo menos contribuíram, para que acontecessem.

Cooperativa:

À volta de um projecto, reúne-se um grupo indeterminado de pessoas, em que os interesses e objectivos, sendo comuns, a todos responsabiliza; uniformizando direitos e deveres. Procura-se, através do diálogo, definir capacidades e atribuir competências, de forma a que as metas a atingir sejam plenamente conseguidas.

Periodicamente, em democracia plena, analisam-se resultados, rectificam-se processos (caso haja necessidade), substituem-se directores que não corresponderam, em competência, ao que deles se esperava; e traçam-se linhas programa, para um reajustamento capaz de solucionar as deficiências acontecidas.

Numa cooperativa, o essencial é a qualidade e competência dos homens, que, escolhidos em assembleia geral, vão gerir essa mesma cooperativa. Se a qualidade for de facto boa, o sucesso, à partida, está garantido.

Os factos exógenos, inerentes à criação de uma cooperativa, são, por vezes, a parte fundamental do êxito ou fracasso de tal empreendimento.

A Administração Central do País, tem a responsabilidade e o dever de, incentivar, apoiar e proteger todo o projecto cooperativo que defina, de forma séria e eficiente, um conjunto de realidades absolutas, para a área geográfica em que se quer implantar e exploração que se pretende fazer.

Há cooperativas mal administradas? Há falências? É um facto incontestado. A imcapacidade do agricultor, começa na sua dignidade e completa-se com a sua responsabilidade.

Viticultores de Melgaço: — Ter! Haver! — Que opção?

Para já, estão de parabéns os agricultores, ao ser-lhes permitido fazer a sua escolha, que responsabiliza cada um pela atitude tomada. Não será lícito mais tarde, culpabilizar, seja quem for, a não ser a eles próprios; caso a escolha não corresponda aos seus reais interesses.

Cont. na pág. 7

Da Vila e Concelho

João Pedro Bastos

Acompanhado de sua esposa nosa conterrânea, Sra. Professora D. Armada Rodrigues Bastos e filho, esteve entre nós de visita a seus familiares, o nosso estimado assinante Sr. João Pedro Bastos, proprietário da Empresa de Contribuintes da Rua dos Barbosas, 139 - Sala 8, da cidade de Braga.

Os nossos cumprimentos.

António de Freitas

Numa curta visita a seus familiares, esteve entre nós o nosso conterrâneo Sr. António de Freitas, radicado em França, há muitos anos, acompanhado de seu filho Olivier de Freitas, estudante.

Os nossos cumprimentos.

Manuel Silvestre Fernandes

De visita a seus familiares e a fim de tratar de diversos assuntos, esteve entre nós, o nosso conterrâneo Sr. Manuel Silvestre Fernandes, radicado em França, há muitos anos.

Os nossos cumprimentos.

Gil Augusto Fernandes

Numa curta visita a seus familiares e a fim de tratar de diversos assuntos, esteve entre nós, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Gil Augusto Fernandes, acompanhado de sua esposa Sra. D. Maria de Lurdes Domingues Fernandes e filhos, radicados em França, há muitos anos.

Os nossos cumprimentos.

Nova Agência de Viagens

Abriu nesta vila, uma nova Agência de Viagens, denominada «DIAS TURISMO», na Rua Rio do Porto (junto ao Posto de Turismo). Esta Agência trata de passagens para todos os países, com preços especiais em autocarro e avião e ainda aluguer de automóveis s/ condutor.

Em avião, tem voos regulares ou charters.

Grupo Coral

Constituído por diversas senhoras da nossa melhor sociedade, tem vindo a actuar na Igreja Matriz da Vila de Melgaço, um Grupo Coral, acompanhado pelas jovens pianistas nossas conterrâneas Virgite Gonçalves e Sandra Afonso, com muito agrado de toda a população da nossa terra.

É organizador deste grupo e ensaiador o jovem nosso conterrâneo Filipe Dias, que não se poupando a esforços, tem conseguido que este grupo coral faça quase todos os dias os seus ensaios, bem assim como na sua participação nas missas dominicais.

Aniversários

Festejaram os seus aniversários natalícios três primos nossos conterrâneos: Aa Carolina do Paço Afonso; Ricardo Jorge do Paço Esteves, e Sandra Patrícia do Paço Ferreira.

São filhos de Jorge Alexandrino Fernandes Afonso, Técnico de Telecomunicações da E.D.P. e de D. Maria Fernanda Ferreira do Paço Afonso, funcionária do Aeroporto de Lisboa; de

António Manuel Este ves, funcionário da Escola C+S e de D. Maria Adelaide Ferreira Paço Esteves, funcionária do Centro de Saúde de Melgaço, e de Manuel Edmundo Ferreira, operário da construção civil, e de D. Maria de Lurdes Ferreira do Paço Ferreira.

Os aniversariantes são netos maternos do nosso correspondente Alfredo Lourenço do Paço e de D. Perpétua da Purificação Ferreira do Paço

Por tal motivo, felicitamos os aniversariantes e desejamos que estas datas se repitam por muitos anos no convívio de seus familiares.

* * *

Festejou o seu aniversário natalício o nosso conterrâneo Sr. Manuel Edmundo Ferreira, operário da construção civil.

Felicitamos o aniversariante com os nossos parabéns e desejos de longa vida.

NECROLOGIA

Manuel Maria de Carvalho

No passado dia 22, faleceu o Sr. Manuel Maria de Carvalho (mais conhecido pelo Lisboa), de 62 anos de idade, natural da Charneca - Lisboa, e aqui radicado há muitos anos, onde era muito estimado, dadas as suas qualidade de trabalho e amigo do seu amigo.

Era casado com a Sra. D. Maria de Lurdes Fernandes, pai de Manuel Carvalho; Paulo Carvalho; Jorge Carvalho; José Carvalho; João Carvalho e Filipe Carvalho, das senhoras Fátima de Carvalho e Aida de Carvalho. O seu funeral realizou-se para o cemitério desta vila, com grande acompanhamento, seguido de missa de corpo presente.

A toda a família em luto, apresentamos sentidas condolências.

Alfredo do Paço

Aurélio Rodrigues Barbosa

«Ao nosso bom amigo e digno correspondente do jornal de V. Exas., a família de Esmerada Afonso expressa votos sinceros de rápido e óptimo restabelecimento e que muito em breve retome as funções normais da sua brilhante vida.»

Esmeralda e Filhos

De Cristóval

Ainda a Via-Rápida (Monção-S. Gregório)

Também aqui, os trabalhos da construção deste tão importante melhoramento estão empatados, devido à falta de pagamento aos proprietários dos terrenos por onde ela passa. Aqui na vizinha Espanha, as coisas têm corrido melhor, todos receberam e dentro em breve a estrada chega à fronteira. Nós aqui em Portugal, continuamos atrasados, de pouco servem os dinheiros que diariamente entram neste País. Ninguém sabe por onde eles andam. Os pagamentos são feitos a conta gotas e, é claro, os proprietários não deixam passar sem a J.A.E. fazer os devidos pagamentos. Por outro lado, os atrasos também se devem ao motivo de terem em certos sítios de alterar o projecto primitivo. Portanto as máquinas para estes lados estão paradas. Aguardemos.

Falecimento

No lugar dos Casais e na sua residência, faleceu há dias o nosso amigo, senhor José Matita, casado, de 69 anos

de idade. O seu funeral teve lugar para o cemitério local, tendo-se incorporado várias centenas de pessoas de vários extratos sociais.

Em nosso nome pessoal e em o da «Voz de Melgaço» apresentamos a toda a família enlutada, as nossas sinceras condolências. C.

D. Ana Esteves Conde



Missa do 2º aniversário do Falecimento

Na passagem do 2º aniversário do seu falecimento, a família recorda com profunda saudade o seu ente querido e comunica que manda celebrar no dia 20 de Março, às 18 horas, na Igreja de Paços, uma Missa sufragando a sua alma. Desde já agradece a todas as pessoas que assistirem a este acto religioso.

AGRADECIMENTO

Manuel Maria de Carvalho



Sua esposa, filhos e demais família enlutada na impossibilidade de o

Cont. pág. 3

Serralharia Rodrigues & Sarandão

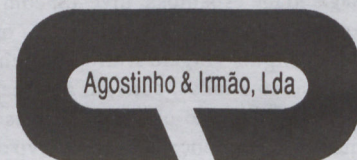
Possuidora de moderna maquinaria e pessoal apetrechado, realiza com perfeição e em óptimas condições todos os trabalhos da especialidade

Boavista — Roussas — Telefone 43567

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Rua Dr. António Durães MELGAÇO



Agostinho & Irmão, Lda

Construção e venda de apartamentos, terrenos e lojas

ESCRITÓRIO:

Av. General Norton de Matos, Nº 26 - 1º - Sala 5
Telef. 612287 4700 BRAGA

Dr. Paulo Malheiro

ADVOGADO

Parque Delfim Guimarães, nº 7 - 1º Dto
Telefone 4940478 • 2700 AMADORA

Beatriz Augusta Ribeiro Lima

Agente distribuidora dos vinhos do Porto

Av. Dr. António Durães
Telefs. 42302 / 43113 4960 MELGAÇO



Barros

Porto

Anselmo Manuel Malheiro

MEDIADOR DE SEGUROS

Rua Rio do Porto R/c Vila • 4960 MELGAÇO
Escritório: Telefone 44031 • Fax 44031
Residência: IGREJA - CHAVIÕES
Telefone 42525
4960 MELGAÇO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Proprietária de

«A VOZ DE MELGAÇO»

Director:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector:
CARLOS NUNO SALGADO VAZ

Redacção e Administração:
Largo da Senhora-a-Branca,
nº 105 - Tel. 25284
4700 BRAGA

Composição e Impressão em Offset:
Litografia A.C.
R. Cons. Lobato, 179 R/C
Tel. 72967 - Fax 612008
4700 BRAGA

Assinatura anual:
2.000\$00

Compre agora e pague em 12 meses

em

Móveis Castelo

de:
Ramiro de Lima A. Cerqueira

Rua das Escolas
Telef. 42695 • 4960 MELGAÇO
Exposição: Rua da Calçada



CONSTRUÇÕES

GUERREIRO & LIMA, L.DA

constrói - aluga - compra
vende casas e apartamentos
qualidade, bom preço

Escrit. - Rua do Fajal nº 20 - R/c - Telef. 73337
Resid. - Rua do Pinheiro, 113 - Nogueira - Telef. 683103 - BRAGA

poder fazer pessoalmente, vêm muito reconhecida agradecer a todas as pessoas que acompanharam o saudoso extinto à última morada e assistiram a todos os actos do culto, testemunhando a todos o seu indelével reconhecimento.

Agência Funerária Orquídea Melgaço

seu pesar pela dor e luto ocasionados com o falecimento do seu ente querido, e mais ainda a todos aqueles que os acompanharam nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Funerária Mira

Eulália Torres
— Felgueiras/Penso

O marido, filha, genro e neto de Eulália Torres vêm agradecer publicamente a todas as pessoas que os acompanharam com gestos de condolência e solidariedade por ocasião do falecimento da sua querida familiar, sobretudo a todos aqueles que participaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Funerária Mira

José Anibal Paços
— Casais/S. Gregório

A esposa, filhos, noras, genros e netos de José Anibal Paços, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que lhes manifestaram os seus sentimentos de condolência por ocasião do falecimento do seu ente querido e os acompanharam mais de perto nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Funerária Mira

Manuel Lourenço

A família de Manuel Lourenço, falecido a 04/03/94, em Moledo do Minho, vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que estiveram presentes no funeral e actos de culto, ou que de qualquer outro modo lhes manifestaram o seu pesar pedindo desculpa de alguma falta involuntária, se é que a houve.

A família

Algumas das actividades da junta cessante de Parada do Monte

Após quatro anos de trabalho intenso da autarquia de Parada do Monte composta por: António Domingues-Presidente, José Esteves-Secretário, e Manuel Rodrigues-Tesoureiro, em Janeiro último fez-se a entrega à nova junta e assembleia de freguesia, o que fez com honra e com a consciência tranquila. Fizeram quanto lhes foi possível com a ajuda e sempre boa disposição do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Melgaço, a quem agradeceram toda a gentileza e bom acolhimento a todas as suas propostas.

Não podem também deixar de agradecer ao povo da terra, que também ajudou muito, participando activamente nos trabalhos para o bem público. Se não tivesse havido o bom entendimento entre autarquias-Câmara e local — e bem assim ajuda do povo, pouco ou nada se teria feito.

Os membros da junta constituíram uma coligação, pois o presidente era Centrista, o secretário-socialista, e o tesoureiro-laranja. Apesar disso sempre houve entre eles mútua compreensão. Ao terminar o seu Mandato, o Senhor Presidente da Câmara pediu-lhes para formarem nova lista. Foi tão educado que lhes disse que não pedia para mudar de partido, mas apresentarem-se como independentes. Assim fizeram. No entanto foram derrotados pelos laranjas, derrota que aceitaram com satisfação.

Parece ser bom e digno mencionar alguns dos melhoramentos realizados durante a sua gerência, o que se passa a fazer sucintamente.

1º — Calçamento da rua desde a Cruz do Eido até à estrada, junto aos coretos, em paralelos;

2º — Reparação na Ponta Cerdeira, também em paralelo.

3º — Estrada de Cortegada para a escola, rompimento, muros das propriedades e calçamento em paralelo.

4º — Calçamento, em pedra à portuguesa, e muros das propriedades, de todos os caminhos de Cortegada, que se passa a mencionar: Caminho da estrada até à Ro-

cha;

Largo no meio do lugar de Cima, caminho para a Maceira e caminho para a Travessa, ligando à estrada.

5º — Rompimento da estrada desde a escola em Cortegada até à Ponte Lameiro. Não ficou ainda acabado por falta de tempo e devido à chuva.

6º — Calçamento dos caminhos, à portuguesa:

- a) Coto Santo;
- b) Cangosta;
- c) Porto do Rio;
- d) Chão do Bezerro;

e) Principiou-se a romper para o Montinho.

7º — Abriu-se o caminho, sendo todo cimentado, para Codesseda e antiga casa da Costa.

8º — Fojos à portuguesa, sendo a descida a cimento.

9º — Carreira, a cimento, ligando os lugares do Paço ao Coto do Paço.

10º — Rompeu-se e aplanou-se o caminho da Goldroseira ao Casal e vedaram-se as propriedades a pedra.

11º — Rompeu-se e aplanou-se a estrada do Tablado ao Casal e fizeram-se os muros de vedação.

12º — Rompeu-se, aplanou-se e vedaram-se as propriedades da estrada de Borrageiro ao Carrascal.

13º — Nos últimos tempos ainda foram rompidas as estradas:

- a) desde Goginde até à Panasqueira;
- b) Desde o Portamourim até ao Poulo de Lagielas;
- c) Desde Cidadã até à Lobosa e daí para Vazeiro — para as Hortas e para Malhaverde.

14º — Estrada para Covelo desde

o Porto do Carro até à citada Branda.

15º — Ainda estrada para a Capela da Minhoteira e propriedades daquela zona.

16º — Todos os anos se fizeram reparações em diversas localidades e muitos acessos.

17º — Já esquecida a estrada para Chão do Madeiro e Bessadas.

Também foi durante esta gerência que se fez o abrigo no Largo da Costa e construiu-se quarto de banho para o salão da Casa da Junta.

Mais. Tiraram-se os Ante Projectos para as quatro fossas públicas, uma no Beleiral; para Carrascal, Aldeia Grande, Coto Santo, Casal, Tablado e Chão do Bezerro. Para esta já há o projecto, a tubaria, que está junto à casa da junta, e até já estão os trabalhos começados. Falta a continuação.

As outras fossas estavam planeadas, por engenheiro competente, uma em Cortegada, outra na Costeira e ainda outra no Lameiro.

O saneamento geral estava autorizado para este ano.

A estrada do Casal ao Tablado, em paralelo, e a de Borrageiro, esta a alcatrão seria obra para este ano e até já teriam começado os trabalhos, se não houvesse mudança de junta.

Muitas outras coisas se poderiam citar, mas parece-me ser suficiente para fazer uma vaga ideia da gerência da junta mencionada.

Quero ainda acrescentar o calçamento a paralelo da estrada do Carrascal e à portuguesa do caminho da Barroca e das Barreiras.

A. Domingues

AGRADECIMENTOS

Aida dos Santos — Remoães

O filho, Vasco Sousa Pinto, a nora Estefânia, netos e demais família de Aida dos Santos, vêm por este meio agradecer publicamente a todas as pessoas que se solidarizaram com a sua dor por ocasião do falecimento da sua querida familiar, especialmente a todos quantos os acompanharam nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Funerária Mira

António Alves — Penso

Os filhos, noras, genros e netos de António Alves vêm agradecer publicamente a todas as pessoas que, de qualquer forma, lhe manifestaram o

leia e anuncie no jornal
“A Voz de Melgaço”

Conjunto Musical

Contacto

O REGRESSO DO VELHO SENHOR

Telef. (051) 42651 - 658 • 4960 MELGAÇO

JOAQUIM RODRIGUES
TEIXEIRA & C^a, LDA

Construções de Prédios para Venda
Alta Qualidade a Preços Compatíveis

EM BRAGA:

Escritório
AVENIDA CENTRAL, N^o 54 — 1^o

Telefones
27256 / 25185

Móveis Tropical

DE: Maria Fernanda Golim Fernandes

Telefone (051) 42457
S. Gregório
4960 MELGAÇO



MÓVEIS EM TODOS OS ESTILOS

CANDEEIROS QUADROS

COLCHÕES TERAPÉUTICOS
KENKO PATTO
DECORAÇÕES DE INTERIORES

Bento Gomes

Materiais de Construção Civil

Telef. 42113
4960 MELGAÇO

Manuel Luis Domingues Rodrigues

PROFISSIONAL DE INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

Residência e Armazém:
CELA-ROUSSAS • 43191
4960 MELGAÇO

PLANO DE ACTIVIDADES E ORÇAMENTO PARA 1994

Atitudes estranhas na assembleia municipal pior que em Sucupira!

O que vamos relatar corresponde exactamente à verdade dos factos. Os leitores saberão retirar as devidas conclusões, tanto mais que estamos certos de que o jornal está totalmente aberto para publicar esclarecimento da Câmara e da própria Assembleia Municipal e permitir e acalentar até o debate urgente e necessário sobre tão magnos problemas para o presente e o futuro do nosso concelho.

Diferente postura ética

Como vereadores do P.S.D., protestamos enérgica e veementemente contra a maneira objectivamente vexatória como fomos tratados. Assim:

1 - O presidente da Assembleia Municipal não quis ou não pôde reservar-nos um lugar condigno com a representação e posição autárquica para que estamos mandatados.

2 - O presidente da Assembleia não permitiu ou não pôde permitir que os vereadores do P.S.D. dessem os esclarecimentos pedidos por deputados municipais.

Os vereadores do P.S.D. não aceitaram tal posição, por várias razões:

1 - Quando os actuais presidentes da Câmara e da Assembleia Municipal eram vereadores da oposição, um dos actuais vereadores - Luis Vaz -, agora na oposição, era vereador da maioria que geria a Câmara. Tal maioria sempre permitiu aos vereadores da oposição ocuparem o espaço destinado ao Presidente e aos vereadores, pelo que o seu actual protesto pela discriminação a que é votada a oposição tem o melhor dos fundamentos: o exemplo. Mas, para os actuais inquilinos do poder em Melgaço, parece que a pedagogia do exemplo não funciona para nada.

2 - Nesse período de governo de Aliança Democrática, sempre foi permitido aos então vereadores da oposição de hoje Presidente da Câmara e da Assembleia Municipal intervirem publicamente nas sessões quando o achassem conveniente! Também neste aspecto essencial da vivência democrática não funcionou a pedagogia do exemplo!

Para situações idênticas, atitudes diametralmente opostas: abertura ao diálogo, então; recusa de intervenção e diálogo, agora! É isto a nova «democracia»? Onde estão a delicadeza, a cortesia nas relações entre órgãos de poder autárquico, a igualdade de oportunidades que um dos actuais vereadores da oposição, então vos proporcionou?

3 - Acresce a tudo isto que, enquanto aos vereadores do P.S.D. não lhes foi permitido falar na Assembleia Municipal, tal direito foi concedido ao sr. Presidente da Câmara, de forma que interveio, da Câmara, de via, quer quando não devia fazê-lo. Quando devia, naturalmente, na exposição do orçamento; quando não devia, por «meter o nariz» onde não era chamado e por ser ele praticamen-

te quem ditava o que o senhor Presidente da Assembleia Municipal devia ou não devia fazer. Sirvam como exemplos: a) fez uma intervenção quando a assembleia estava a pensar em destinar um lugar próprio aos vereadores da oposição; b) interveio quando a assembleia estava a discutir se os vereadores do P.S.D deviam ou não intervir na assembleia.

Pergunta-se: porquê tanto medo de uma oposição que o sr. Presidente da Câmara diz ser a pior de sempre? Esperamos demonstrar com actos em que sentido é a pior. Os autênticos democratas de Melgaço podem estar descansados, porque enquanto houver órgãos de comunicação social melgacenses livres, serão regularmente informados das posições do P.S.D.

Na verdade, o sr. Presidente da Câmara lá tinha as suas razões para não nos querer deixar intervir na Assembleia. É que o plano de Actividade e Orçamento não é irreel, utópico e fútil.

A nossa leitura do plano e orçamento. As nossas razões

Já que na Assembleia Municipal não nos permitiram expor os nossos pontos de vista sobre tão magno problema, aqui os apresentamos publicamente para que os membros da Assembleia Municipal (deputados autárquicos) possam meditar sobre as responsabilidades que têm ao aprovar um Plano e Orçamento que compromete o futuro da nossa terra e cria graves distorções e assimetrias, como esperamos que fique bem patente ao sujeitarmos o mencionado documento a indispensável anatomia.

Para melhor enquadrar todos os problemas

No quinquénio 1989-1993 houve o chamado 1º Quadro Comunitário de Apoio (Q.C.A.). Isso permitiu que o Norte tivesse recebido um total de 830 milhões de contos, sendo 145 milhões para obras de administração, directa da Câmara. Para o 2º QCA, prevista uma verba global de 1517 milhões de contos para a Região Norte, 335 dos quais para as Câmaras do Norte do País. As verbas destinadas às Câmaras duplicam, apesar de o 2º plano contemplar mais um ano do que o 1º. Em termos globais, a região Norte absorve um terço das verbas comunitárias. Tal programa é constituído por 3 subprogramas. Os autarcas só podem gerir directamente o subprograma A - infra-estruturação e equipamentos

municipais - cujo montante será de 70 milhões de contos, enquanto no 1º quadro comunitário de apoio foram 74 milhões de contos. A intenção é obrigar as Câmaras a investir em obras com alguma escala, apostando, para isso, nos projectos inter-municipais, através do subprograma B que é para ser implementado em concertação de esforços e projectos de real interesse que envolvam conjuntamente a Administração Central, as empresas públicas e as autarquias.

Que o subprograma A - infra-estruturação e equipamentos municipais - não está satisfeito, porque em vez de se empregarem as verbas do 1º Q.C.A. em infra-estruturas, foram gastas a vez de fachada. Agora, chegada a vez dos programas inter-municipais e em conjunto com a Administração Central, queria o sr. Presidente o dinheiro para as infra-estruturas! O povão de Melgaço até parece que gostaram!

O orçamento e as opções que lhe subjazem. Despesas por classificação funcional

Ver Gráfico A

Realce-se o grande peso que entre as despesas tem a cultura, desporto e tempos livres.

Nas verbas para comunicação, estão englobadas as despesas com transportes escolares e utilização dos transportes da autarquia. O que fica é pouco.

No que diz respeito a «desenvolvimento e abastecimento» as verbas previstas reduzem-se a pagar os acessos à Ponte do Peso e ao subsídio para a Adega Cooperativa.

As verbas contempladas para as restantes rubricas são irrisórias e inadmissíveis: educação - nada; habitação - zero; saneamento - zero; protecção civil - zero.

Gráfico B

Estudos e projectos/ Representação Municipal

O Parque desportivo consome metade. Os outros projectos, muito mais importantes, não têm verba satisfatória para poderem ser bem concebidos.

A verba destinada a representação municipal, indica bem o que não é a ostentação, o luxo e o culto da perso-

nalidade. Tem mais verba que todos os outros ítems que se seguem.

O Presidente vai contestar esta leitura. Mas o nosso desafio é este:

negue a realidade que os gráficos tão bem visualizam.

Cont. na pág. 5

Gráfico A - SHEET4.XLS

DESPESAS POR CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL		
	VALOR	%
EDUCAÇÃO	38575	2,5
CULT., DESP. E TEMP. LIVRES	520988	33,8
HABIT. URBANIZ. E URBANISMO	11230	*
SANEAMENTO E SALUBRIDADE	54333	3,5
PROTECÇÃO CIVIL	4830	*
DESENV. EC. E ABASTECIMENTO	193473	12,6
COMUN. E TRANSPORTES	668426	43,4
DESPESAS NÃO IMPUTÁVEIS	49481	3,2

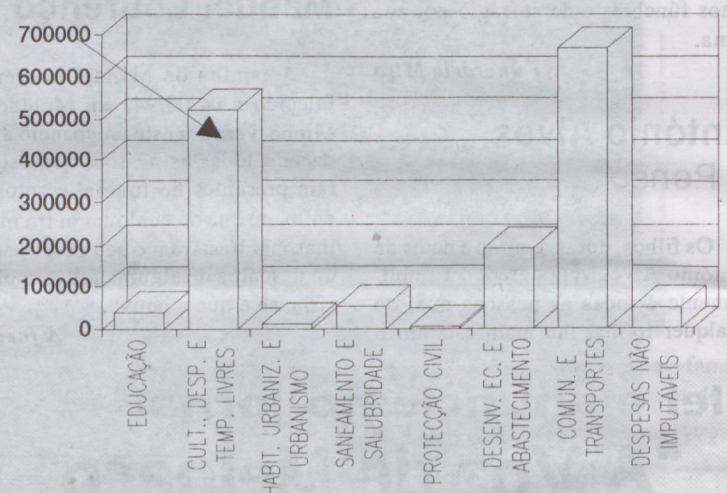
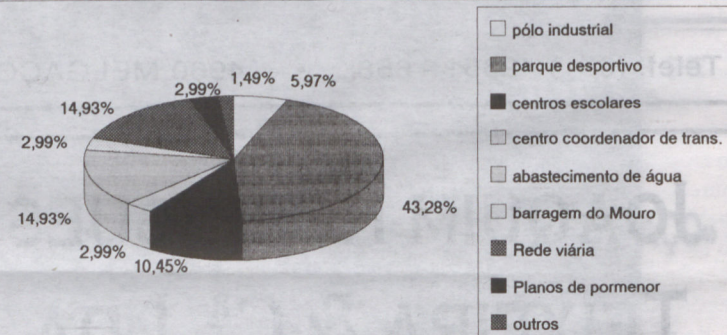
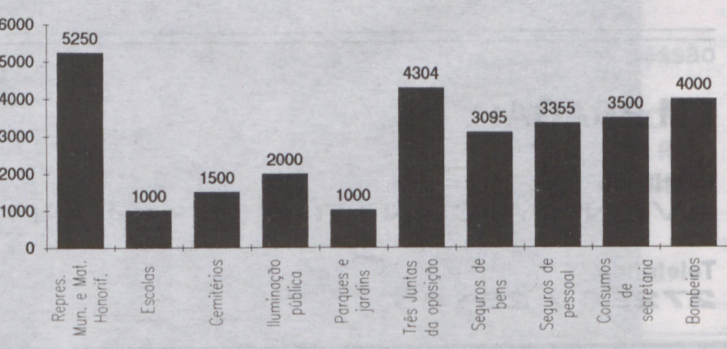


Gráfico B - SHEET3.XLS

ESTUDOS E PROJECTOS	
pólo industrial	2000
parque desportivo	14500
centros escolares	3500
centro coordenador de trans.	1000
abastecimento de água	5000
barragem do Mouro	1000
Rede viária	5000
Planos de pormenor	1000
outros	500



Repres. Mun. e Mat. Honoríf.	5250
Escolas	1000
Cemitérios	1500
Iluminação pública	2000
Parques e jardins	1000
Três Juntas da oposição	4304
Seguros de bens	3095
Seguros de pessoal	3355
Consumos de secretaria	3500
Bombeiros	4000



PLANO DE ACTIVIDADES E ORÇAMENTO PARA 1994

Atitudes estranhas na assembleia municipal pior que em Sucupira!

Cont. da pág. 4

Ver Gráfico C

Comparação entre as verbas para administração directa das juntas e para a piscina e casa da cultura

Só um comentário: um autêntico absurdo! Preocupação com obras de fachada e esquecimento das necessidades fundamentais das populações.

Ver Gráfico D e D'

Orçamento das 18 freguesias

Há uma tremenda desigualdade. Sem contar com as despesas da estrada para Castro, a oscilação de verbas é entre 96.704 contos para Castro e 7.459 para Paços! Desigualdade ainda mais flagrante se se tiver em conta o número de eleitores: 105,2 contos por eleitor para Castro e 15,75 para Paços. A Paderne, freguesia muito extensa, cabem-lhe 23.702 contos e 16 por eleitor!

Ver Gráfico E

Obras das freguesias

Para sedes de juntas e património, praticamente zero. Idem para cemitérios, saneamento e lixo. Muito pouco é o destinado a abastecimento de água, e também se reduz a muito pouco a verba para acessibilidade.

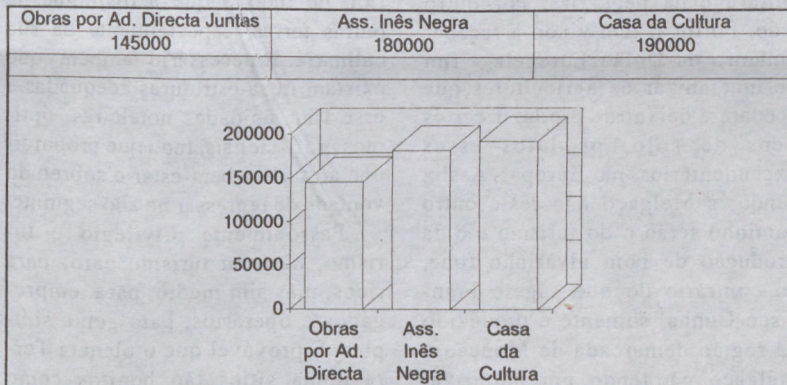
Ridícula é a fracção destinada a melhoramentos nas freguesias: apenas 25% do orçamento.

2º Vereador

Quando o orçamento da Câmara diminuiu 237.108 contos, isto é, 13%, apesar de as verbas do Fundo de Equilíbrio Financeiro terem aumentado 2,3% de 93 para 94, já que no ano anterior foram de 485.618 e para este ano serão 497.136 contos, a Câmara de Melgaço aumenta despesas de pessoal metendo um 2º vereador a tempo inteiro e ainda uma assessora! Como se explica a diminuição de verbas globais para este ano de 1994? Pelo facto de os fundos comunitários terem diminuído para Melgaço em 9,2%, ou seja, menos 91.308 contos por falta de projectos credíveis.

Acontece que o aumento das verbas do já mencionado fundo de equilíbrio

Gráfico C - SHEET2.XLS



Estradas e Caminhos	293919
Esgotos	19000
Piscina e Casa da Cultura	370000
Sedes de Juntas e Pré-Prim.	13000
Habituação e urbanismo	5000
Abastecimento de água	46000
Cemitérios	13500

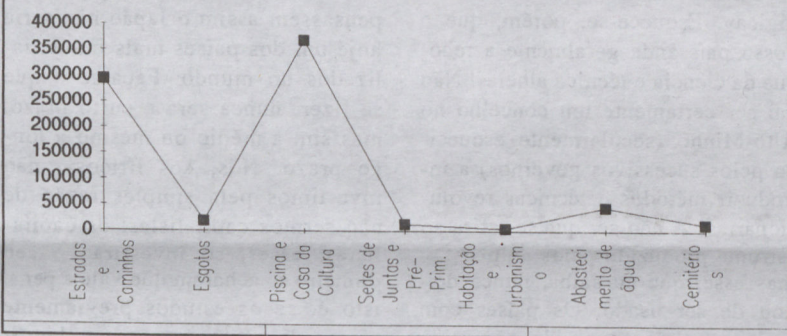
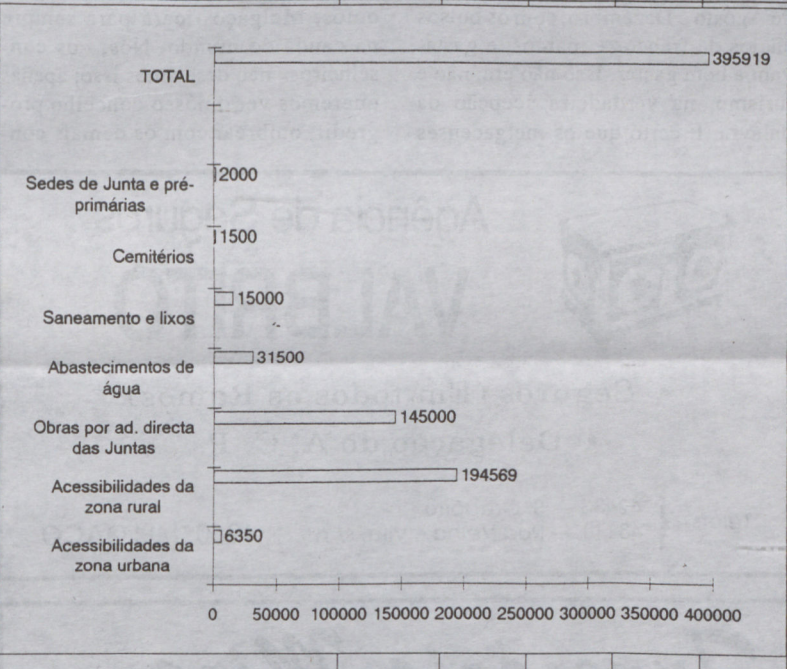


Gráfico E - SHEET5.XLS

OBRAS NAS FREGUESIAS	
Acessibilidades da zona urbana	6350
Acessibilidades da zona rural	194569
Obras por ad. directa das Juntas	145000
Abastecimentos de água	31500
Saneamento e lixos	15000
Cemitérios	1500
Sedes de Junta e pré-primárias	2000
TOTAL	395919



financeiro - 11.450 contos - serão para pagar ao 2º vereador e à assessora.

As receitas próprias da Câmara - 196.300 contos, apenas quase uma décima parte do orçamento total, só dão para pagar os salários aos funcionários da mesma e isso devido à tão apregoada «engenharia financeira» que se resumiu a não utilizar 20.000 contos do empréstimo das piscinas.

Esta tão grande necessidade de um

2º vereador e de uma assessora só vem mostrar o seguinte: ou até hoje o vereador Luís do Val conseguiu trabalhar mais do que 3 pessoas e era mesmo muito bom, ou então não valeu grande coisa. Parece-nos, porém, que esta atitude só pode ser compreendida como meio de acalmar guerras internas, satisfazer clientela e, ao mesmo tempo, deixar o Presidente mais liberto para funções político-partidárias.

Gráfico D - SHEET3.XLS

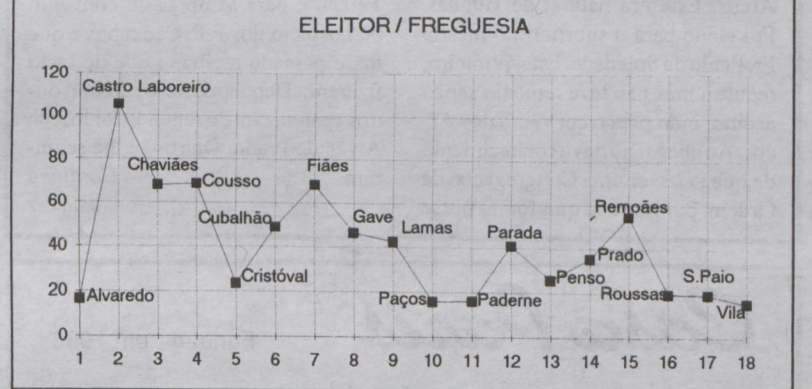
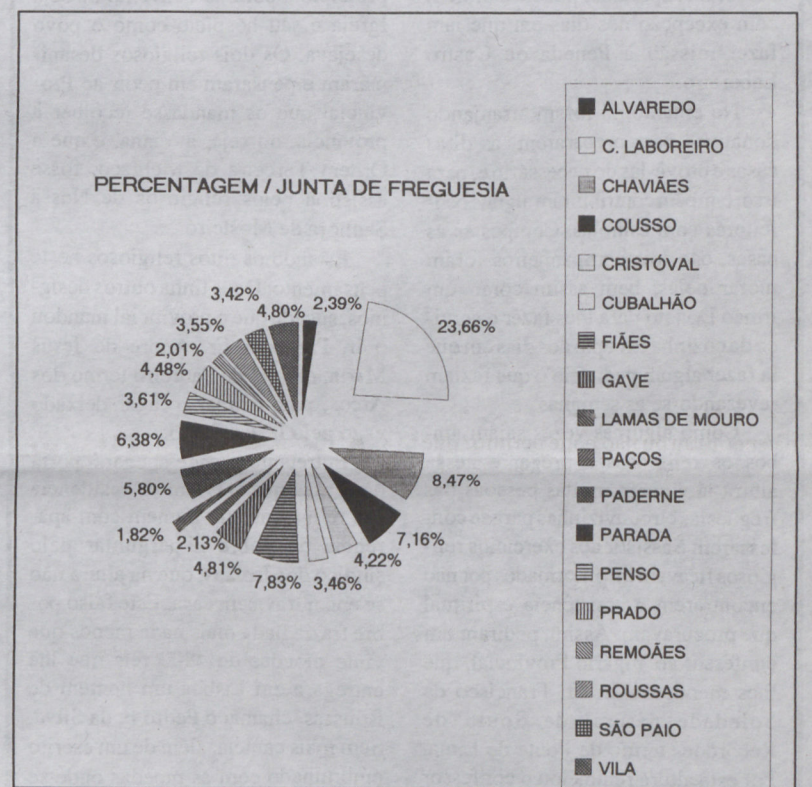
ORÇAMENTO DAS 18 FREGUESIAS		
TRANSFERÊNCIAS CORRENTES, OBRAS POR ADMINIST. DIRECTA E OBRAS PELA CÂMARA		
	TOTAL (Em contos)	POR ELEITOR (Em contos)
ALVAREDO	9.759	16,7
C. LABOREIRO	96.704	105,2
CHAVIÃES	34.609	68
COUSSO	29.259	68,8
CRISTÓVAL	17.259	23,4
CUBALHÃO	14.159	49
FIÃES	32.009	68,5
GAVE	19.651	46,5
LAMAS DE MOURO	8.712	42,5
PAÇOS	7.459	15,75
PADERNE	23.702	16
PARADA	26.091	41
PENSO	14.759	25,8
PRADO	18.309	35,5
REMOÃES	8.212	54,7
ROUSSAS	14.509	19,7
SÃO PAIO	13.983	19,5
VILA	19.608	15,5

OBS: Inclui, além das transferências correntes, o abastecimento de água, o saneamento, cemitérios, sedes de junta, pré-primárias, acessibilidades e "diversos", não especificados.

OBS: A média do orçamento, por eleitor é de 138,9 contos.

Os salários do pessoal da Câmara consomem 17,6 contos por eleitor.

Gráfico D' - SHEET4.XLS



Aqui tem o prezado leitor as razões mais premetes que nos levaram a votar contra o Plano e Orçamento de 1994. Talvez agora compreenda melhor por que é que não nos permitiram falar na Assembleia Municipal e apresentar todo o estudo detalhado, incluindo os gráficos a cores onde tudo isto se torna bem visível.

Os vereadores do P.S.D.
Alberto Esteves
Manuel Luís Vaz

tória e Secundária de Melgaço e do Conselho Directivo com a G.N.R. ficou provado que alunos menores faltaram às aulas e estavam num salão de jogos. Em cerca de 30 minutos, um miúdo já tinha gasto mais de 1.000\$00!

Os professores e a G.N.R. cumpriram! Falta agora que outras instâncias responsáveis tomem as medidas adequadas para evitar de vez este autêntico flagelo da nossa juventude.

M.L.

**Escola C+S.
Surtiram efeito
as nossas
notícias!**

Conjugando os esforços de alguns professores da Escola prepara-

**"A Voz de
Melgaço"
o seu jornal**

Convento de nossa Senhora da Conceição da Ordem de São Francisco — Carvalhiças — Melgaço

(Continuação)

Em cumprimento da ordem dada pelo Provincial de Viana chegaram a esta vila os ditos religiosos a 29 de Julho do ano de 1746 e enquanto se não preparavam umas casas que tinham descoberto no campo da feira de dentro, junto à capela de S. António, hospedaram-se em casa de Silvestre Teixeira Torres, que foi um dos que mais se empenhou na vinda dos religiosos para esta vila e ao qual o Provincial tinha mandado patente de Sindico. No tempo em que estes religiosos estiveram nesta casa, as despesas foram suportadas por ele (sindico) com excepção nos dias em que iam fazer missão à Peneda ou Castro Laboreiro.

No entanto, lá foram arranjando donativos para prepararem as ditas casas e provê-las do necessário e, para isso, também contribuíram alguns benfeitores com esmolas. Compostas as casas, os dois companheiros foram morar nelas, bem assim como um irmão Donato para lhes fazer o serviço da cozinha excepto nos dias em que ia fazer algum peditório o que faziam revesando-se às semanas.

Como algumas vezes saíam ambos os religiosos a pregar e nessa altura já vinham muitas pessoas das freguesias circunvizinhas para se confessarem e assistir aos exercícios religiosos ficavam inconformados por não encontrarem a assistência espiritual que procuravam. Assim, pediram um confessor ao Vigário Provincial, que lhes mandou o Ir. Fr. Francisco da Soledade natural de Souto de Rebordões termo de Ponte de Lima. Por esta altura renunciou o confessor Fr. Luis de S. João à guardiania dos Arcos. Este era natural de Hunhas. Foi eleito para o substituir, o mestre Fr. Paulo da Soledade. Este, primeiro, recusou mas não teve remédio senão aceitar, indo para o convento dos Arcos. Ao chegar ali, teve conhecimento de que ia haver uma Congregação da Ordem, por isso não quis tomar posse

sem que primeiro tivesse lugar a Congregação. Nesta mesma congregação o elegeram guardião do convento de Lamego, para onde seguiu a ocupar o seu lugar. O Ir. Fr. Paulo da Soledade tinha saído de Melgaço em 24 de Novembro de 1747 e, nessa mesma data, por ordem do ministro vigário Provincial, Fr. José da Encarnação, o governo da casa de Melgaço foi entregue ao Ir. Fr. Francisco da Trindade.

Ficaram, portanto, aqui, apenas dois religiosos. Como a terra era pobre, as esperanças eram poucas em angariar grandes donativos para dar principio à obra do convento ou seja Igreja e seu hospício como o povo desejava. Os dois religiosos desanimaram e pensaram em pedir ao Provincial que os mandasse recolher à província, ou seja, a Viana, e que a Ordem Terceira de Melgaço, fosse assistida pelos religiosos de Nossa Senhora de Mosteiró.

Estando os ditos religiosos neste pensamento, Deus tinha outros desígnios, sucede que o provincial mandou o Ir. Pregador Fr. André de Jesus Maria, natural de Padreiro termo dos Arcos, para ocupar o lugar deixado vago pelo Ir. Fr. Paulo.

Entretanto sucede chegar à porta das casas que serviam de residência aos religiosos, um homem com aparência de pobre a perguntar pelo sindico dos Irmãos, que na altura não se encontrava em casa. Este falso pobre trazia nada mais nada menos que vinte moedas de 4800 reis que lhe entregara em Lisboa um homem de Roussas, chamado Pedro F. da Silva. Sem mais cautela, além de um escrito embrulhado com as moedas onde se dizia para ser entregue a Silvestre Teixeira, para as obras do convento ou hospício dos P.P. Capuchos e que fosse passado recibo, o que de facto fizeram. Depois deste benfeitor outros apareceram e o segundo foi Joseph Alves de Prado. Outros se lhe seguiram.

3 - Continua Marcer

Melgaço e o Futuro

Um texto sobre o futuro económico de Melgaço foi publicado em A VOZ DE MELGAÇO de 1/10/93 (nº 993). Assina-o Francisco M. Cunha.

Não pondo em causa os conhecimentos técnicos-científicos do articulista, quero apenas lembrar-lhe que Melgaço se encontra em Portugal e não em França (país com um grande desenvolvimento na agricultura e na pecuária). Por outro lado, Portugal tem vindo a receber dinheiro da União Européia a fim de indemnizar os agricultores que acedam a deixar de produzir certos bens do solo, produtos esses excendatários na Europa. Assim sendo, a Melgaço não resta outro caminho serão o do turismo e o da produção de bom alvarinho (que, ao contrário do que sugere Francisco Cunha, somente é produzido na região demarcada de Monção e Melgaço, não tendo, portanto, rival em nenhum outra parte do mundo). Tal como o Sancerre, o alvarinho tem mercado internacional — pena é que a quantidade produzida até agora (muito Pequena) onere de tal modo os custos de produção que no consumidor esse precioso vinho aparece a preços proibitivos.

F.M.C. fala de «agricultura biológica». Esquece-se, porém, que o nosso país anda geralmente a reboque da ciência e técnica alheias! Não vai ser certamente um conelho no Alto-Minho (secularmente esquecido pelos sucessivos governos) a introduzir métodos e técnicas revolucionárias! A não ser que se refira ao estrume produzido pelos animais — mas esse, que eu saiba, nunca deixou de ser usado. Os países com agricultura desenvolvida têm sido pressionados por grupos como o Green Peace no sentido de abandonarem adubos artificiais que são altamente poluentes e fazem mal ao organismo humano, além de destruir várias espécies de animais e plantas.

F.M.C. confunde turismo com emigração! Diz-nos no seu artigo: «A época forte do turismo, que gastava sem contar tanto, já faz parte do passado...» Deve estar a referir-se aos emigrantes que chegaram nos meses de Agosto e Dezembro, com os bolsos cheios de francos e marcos, e gastavam a bom gastar. Isso não era, não é turismo, na verdadeira acepção da palavra. É certo que os melgacenses

espalhados por esse mundo fora, e até noutras vilas e cidades de Portugal, podiam escolher outro sítio para gozarem as suas férias; não o fazem e isso é bom para o comércio local. Para que haja turismo é necessário haver promoção, divulgação, das belezas naturais da nossa terra, das suas características próprias, da hospitalidade do seu povo, da sua cultura, dos seus monumentos, do seu clima, enfim, de tudo o que a distingue de outras terras, especialmente da sua culinária. É necessário também que existam infra-estruturas adequadas a esse fim: unidades hoteleiras, ótimos profissionais, tudo que proporcione ao turista bem-estar e sobretudo vontade de regressar no ano seguinte.

Pessoalmente privilegio o turismo, não um turismo caro, para ricos, mas sim médio, para empregados e operários, para gente simples. É provável que o planeta Terra tenha sítios tão bonitos como Melgaço: na Europa, Ásia, África, Oceania, América; mas tão pacíficos, tão naturais, tão singulares, talvez não haja!

Francisco Cunha pensa que os investimentos em Melgaço, quaisquer que eles sejam, redundarão num colossal fracasso, num atirar dinheiro fora. Se os japoneses pensassem assim o Japão não seria hoje um dos países mais industrializados do mundo. Faça-se o que se fizer, nunca será a curto prazo, mas sim a médio ou mesmo a longo prazo. Nós, «os líricos», não investimos pela simples razão de não sermos capitalistas; os capitalistas, esses, só investirão o seu dinheiro se acharem que vale a pena, isto é, se os estudos previamente efectuados lhes garantirem lucros compensadores.

O citado senhor fala com ênfase do vinho tinto de Melgaço. Esquece-se certamente de que a produção sem comercialização é pura utopia (vejam-se os casos da maçã e da laranja). O vinho da nossa terra, excepção para o alvarinho, é vendido à candonga, tal como o bagaço. Sem empresas devidamente organizadas, sem técnicos competentes, sem escoamento dos produtos, Melgaço ficará para sempre na cauda do mundo. Nós, «os conselheiros» não desejamos isso; apenas queremos ver o nosso conelho progredir, ombrear com os demais con-

celhos de Portugal. A nossa «missão» é apelar aos eventuais interessados, aos órgãos do poder local e regional, para que tomem medidas acertadas, para que não deixem dormir eternamente um dos mais belos recantos do nosso país. O nosso saudável lirismo não nos esconde a realidade. Apesar de grande aparato, de grandes promessas eleitorais, de piscinas municipais e Casa de Cultura, disto e daquilo, sabemos que Melgaço continua a ser princesa adormecida por séculos de indiferença e desleixo.

Não sei se o actual Presidente da Câmara é o príncipe que acordará a princesa; não sei se a espada encantada cortará cerce o silvedo que cerca o palácio real; não sei se o seu beijo tirará do sono secular a esbelta menina; sei, isso sim, que algo tem feito nesse sentido; mas, tal como D. Quixote, a sua valorosa espada poderá estar travando batalhas contra moinhos de vento. Não sejamos, contudo, pessimistas e esperemos que F.M.C. possa um dia ver avenidas junto ao rio, bem iluminadas, com jovens pares namorando, e os mais idosos recordando toda a sua juventude; quiosques vendendo recordações e os pescadores da enguia e da truta «matando» o seu inócuo vício; turistas, de máquinas a tiracolo, tirando sucessivas fotografias das belíssimas paisagens melgacenses; restaurantes servindo bifes de presunto, sável frito, arroz de lampreia, truta na brasa; as Termas do Peso com ocupação a 100% (diabéticos, seus familiares e amigos). Nessa altura, talvez o futuro económico de Melgaço seja diferente, para melhor, do que é hoje.

Saudações amigas a todos os melgacenses.

Joaquim A. Rocha

RUI JOSÉ VIEIRA RIBEIRO
SOLICITADOR

Cont. nº 189 479 442

Rua Dr. António Durães
Telef. 43703 4960 Melgaço

Dra. Maria Cândida Fonseca

ADVOGADA

Largo Hermenegildo Solheiro
4960 MELGAÇO

Manuel António Ribeiro

SOLICITADOR

Escritórios:
MELGAÇO
Largo Hermenegildo Solheiro - Telf. 42211
MONÇÃO
Av. da Estação/Ed. Chave Douro, 2º Esq./Frente

Casa Paris

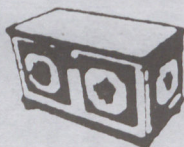
Fundada em 1966

de: Jaime Afonso

Especializada em Louças, Cristais e Artesanato

Serviços de jantar, café e chá • Serviços de copos cristal e vidro • Bronzes • Cobre • Quadros Óleo • Brinquedos • Louças Decorativas e Brindes

LARGO DA CALÇADA • TEL. 42264 • 4960 MELGAÇO



Agência de Seguros
VALBRITO

- Seguros (Em todos os Ramos)
- Delegação do A. C. P.

Telefs. { 42433 — S. Gregório
43111 — Rua Velha - Vila, s/ nº 4960 MELGAÇO

Farmácia Dias Ferreira

Direcção Técnica e Propriedade:

D.ª Júlia Eduarda Dias Ferreira

EM SERVIÇO PERMANENTE E AO SERVIÇO DA SAÚDE E BEM-ESTAR DOS MELGACENSES

Estrada Nacional • Telefone 43312 • MELGAÇO

Funerária Mira

A primeira:

- ✓ no tempo
- ✓ no serviço e agrado
- ✓ na qualidade e custo
- ✓ no saber estar e acompanhar

Auto fúnebre para funerais. Transferências em todo o país e estrangeiro

Serviço Permanente

Alvaredo e Rua Dr. Afonso Costa • Telefone 42237-44014 • MELGAÇO

Política Nacional

Ainda as eleições Autárquicas

Meu caro António Dias

Neste número do jornal vem uma larga notícia sobre o que a penúltima Junta de Freguesia de Parada do Monte fez durante quatro anos para a freguesia. Um belo trabalho, para o qual concorreram: Junta, Câmara e Povo. A Junta era constituída por elementos dos três partidos: Partido Socialista, Partido Social Democrata e Centro Democrático Social. Era, pois, uma coligação. Vantagens da coligação:

- Não houve luta de partidos;
- Houve harmonia e conjugação de esforços; e

- Houve a colaboração do Povo, porque todos estavam representados na junta.

Perante os resultados, por que razão não continuaram? Ao que se depreende da notícia, porque lhes pediram que se candidatassem como independentes por uma outra lista. Não era certamente, a lista do Partido Social Democrata, porque este Partido não aceitou a proposta e candidatou-se à junta e ganhou as eleições.

Após as eleições autárquicas, ouvi um membro da última junta de Fiães, junta que era do C.D.S., dizer que fôra solicitado para outra lista, que não a do C.D.S, visto que este, o C.D.S., era um partido pequeno. Ao que ele respondeu: «É o meu Partido». E não aceitou a sugestão para mudar. Por estas e por outras é que muitos defendem que as eleições locais - junta e assemblei - não devem ser dos partidos.

O que deve interessar é trabalhar com honestidade, seriedade e competência, seja qual fôr o Partido e seja qual fôr a Câmara. É que os interesses locais, legítimos, devem estar acima dos partidos, dos caprichos e da politiquice. Se assim não fôr, a politiquice sobrepõe-se a tudo o mais e leva a esta possível conclusão: é preciso ser da política da Câmara para termos obras nas freguesias. Ora isto é a negação da política séria e o patrocínio do clientelismo que prejudica a política verdadeira e os legítimos interesses dos cidadãos.

Júlio Vaz

Transportes Lourenço, Lda.

Conservatória do Registo Comercial de Melgaço
Nº de matrícula 26/681218
NIPC 500485100
Nº de inscrição E-7
Nº e data Ap. 04/940221

Certifico que por escritura de 17 de Fevereiro de 1994 foi alterado o pacto da sociedade em epígrafe tendo os artigos 4º e 6º ficado com a seguinte redacção:

4º
O capital social, inteiramente realizado, em dinheiro e nos demais bens e valores constantes da escritura social é de DEZ MILHÕES DE ESCUDOS e corresponde à soma de duas quotas, sendo uma do valor de nove milhões de escudos, pertencente ao sócio José António Lourenço, e a outra no valor de um milhão de escudos, pertencente à sócia Maria da Conceição Garcia Lourenço.

6º
A administração e representação da sociedade competem ao só-

cio José António Lourenço, desde já nomeado gerente, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

§ único — A sociedade obriga-se, em todos os actos e contratos, com a intervenção de um só gerente, inclusive na compra e venda de veículos automóveis.

O texto completo do contrato na sua redacção actualizada ficou depositado na pasta respectiva.

Conservatória do Registo Comercial de Melgaço, 21 de Fevereiro de 1994.

O Conservador:
Abel Augusto Vaz

Viticultores de Melgaço Haver ou ter: que opção?!...

Cont. da pág. 1

Os casos políticos que, porventura, possam estar adjacentes ou sub-jacentes aos dois projectos, são compreendidos e aceites, na medida em que, as clivagens ideológicas, em democracia, sempre aconteceram e hão-de continuar a acontecer. Só que, me parece, ao agricultor não deve ser muito credível que dê preferência a uma simpatia partidária, em desfavor da melhor opção aos seus interesses de produção e rentabilidade. O agricultor que, em permanência periódica, pode discutir e votar, de forma a manter ou modificar o que é de seu interesse, dá-lhe uma co-responsa-

bilização e uma autonomia que o personaliza e defende.

Espero que Melgaço e os seus lavradores dêem à uva Alvarinha (principalmente) e viticultura em geral, da Região, a dignidade e prestígio que ela merece; e a compensação que a todos satisfaça e a todos nós, apreciadores e consumidores de tal néctar, cada vez mais apeteça.

Pelo muito de respeito e admiração que tenha por Melgaço e suas gentes, faço votos sinceros para que optem pelo melhor. Se tiverem dúvidas, fiquem com as duas; até que a prática do tempo vos dê a certeza do melhor.

Domingos Santo Thyrsos

TRIBUNAL JUDICIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 15-3-94
ANÚNCIO
(2ª Publicação)

Pelo Juízo de Direito desta comarca, na de Acção Sumária Nº 94/93, que corre na Secretaria Judicial movida pelos autores MANUEL JOAQUIM VAZ e mulher MARIA MALHEIRO, residentes no lugar de Sante, freguesia de Paderne, Melgaço, contra os Réus BENTO JOSÉ GOMES, solteiro, maior e MANUEL JOSÉ RODRIGUES, casado, e Outros, ausentes em parte incerta de França e com últimas residências conhecidas no lugar de Convento e Pomares, respectivamente, ambos da freguesia de Paderne, Melgaço, são estes réus citados para no prazo de DEZ DIAS que começa a correr depois de finda a

dilação de TRINTA DIAS, contados da data da segunda e última publicação do anúncio contestarem a acção acima referida, sob a cominação de virem a ser condenados no pedido que os autores deduzem naquele processo, conforme melhor consta da petição inicial, cujos duplicados se encontram à disposição dos citandos na Secretaria Judicial.

Melgaço, 3 de Fevereiro de 1994
A Juiz de Direito, *Francisca Micaela Mota Vieira*
O Escrivão Adjunto, *Victor Manuel Roquinho*

TRIBUNAL JUDICIAL DE MELGAÇO

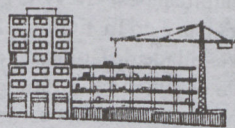
«A Voz de Melgaço» 15-3-94
ANÚNCIO
(2ª Publicação)

FAZ SABER QUE:

Na Acção de Divórcio Litigioso Nº93/93, pendente neste Tribunal que intenta a Autora SANDRA MARIA FLORES FERNANDES BARROS, casada, residente na Avenida da Barbosa, nesta Vila de Melgaço, contra o Réu MANUEL GOMES DE BARROS, casado, ausente em 18 Rue des Écoles 54450 Benamenil, França e com última residência conhecida no país no lugar de Gaia, freguesia de S. Paio, desta comarca de Melgaço, é este RÉU citado para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de VINTE DIAS, que começa a correr depois de finda a dilação de TRINTA

DIAS, contada da segunda e última publicação do anúncio, com a advertência de que a falta de contestação não importa a confissão dos factos articulados pela autora e que consiste, em resumo, em ser decretado o divórcio entre a autora e o réu, por culpa exclusiva deste, como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra à disposição do citando na Secretaria Judicial.

Melgaço, 1994/02/10
A Juiz de Direito, *Francisca Micaela M. Vieira*
O Escrivão-Adjunto, *Victor Roquinho*



António Medela, Lda.

COMPRA E VENDA DE APARTAMENTOS
EM MELGAÇO/MOLEDO/BRAGA

Carvalho do Lobo - Roussas • Tel. 45316 (fim de semana)
4960 MELGAÇO Residência: Tel. 44130



Compra, Venda
e Alugueres
Mediação em
Bens Imóveis

DE:

Heitor D. Campos Amoedo

Rua General Pimenta de Castro, nº 20 - 1º Esq.
Telefone (051) 652872 — FAX (51) 652468 — 4950 MONÇÃO

CLIMELGAÇO

CLÍNICA DE MEDICINA DENTÁRIA, LDA.

Gabriela Domingues • Manuel António Costa
MÉDICOS DENTISTAS, pela Faculdade
de Medicina Dentária do Porto

Rua Dr. António Durães • Telef. 44225 • Vila - 4960 MELGAÇO



Agora
é mais fácil!

CONSULTE A SUA

CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA

COM A COLABORAÇÃO DA CAIXA CENTRAL



CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DE MELGAÇO:

SIMBOLO DE PROGRESSO GARANTIA DE
SUCESSO: UMA PORTA ABERTA À SUA
POUPANÇA E UM APOIO CONSTANTE AO
SEU DESENVOLVIMENTO E AO PRESTÍGIO
DA SUA TERRA

Contacte-nos e comprovará a diferença

Galegos aprendiam a ler na escola de Melgaço

Tudo é partilhado na zona fronteiriça, menos os cemitérios

Os últimos novos vizinhos de Azureira vivem a olhar para Portugal. Energia eléctrica, igreja, terras e pastos, matrimónios e escola, tudo tem uma influência portuguesa nesta população do município orensano de Padrenda, onde as pessoas mais velhas tiveram de frequentar a escola em Melgaço devido à falta de comunicações com a escola galega mais próxima.

Desta estreita relação surgiu uma curiosa maneira de falar, o «atravessado», no qual se misturam palavras portuguesas, galegas e castelhanas.

Azureira está situada na encosta da serra de Castro Laboreiro. A duzentos metros está Alcobaça, já em Melgaço. No meio de ambas as populações, o rio Trancoso faz uma barreira natural entre os dois países. Uma barreira que, não obstante, foi o suficiente para separar as gentes da zona.

Manuel Dominguez, natural de Azureira, vive desde há alguns anos em Portugal, onde também fez a sua escola. «Eram outros tempos. Aqui não tínhamos possibilidades de estudar e a escola mais próxima estava a vários quilómetros de distância, pelo que era mais fácil atravessar a raia».

Daqueles anos de estudante mantém ainda um português fluído e amplos conhecimentos sobre a história, literatura e geografia portuguesas, apesar de, como diz, «quase não me lembrar de nada. Naqueles tempos não íamos muito à escola, tínhamos que trabalhar a terra». Manuel, de caçadeira ao ombro, vai com o seu cão caçar alguma coisa para o jantar, vive em Alcobaça, «onde estou casado. Tenho aqui os meus filhos, um é guarda-fiscal em Melgaço e o outro engenheiro em Braga», explica com grande orgulho.

Como ele, Raul Estevez também fez a escola Portuguesa, no seu caso de Lamas do Mouró. Raul viveu toda a vida na emigração. Meia Europa e outro tanto de Espanha foram cenário das suas andanças. Apesar de ter andado por lugares tão longínquos da fronteira, conserva algumas palavras portuguesas que

mistura com graciosidade com galego e castelhano.

Um pouco mais à frente da casa de Raul vive a família de Rosa Dominguez. Tanto ela como a mãe estudaram em Portugal. «Aqui sempre estivemos esquecidos, sem luz, até há dez anos, e que acabou por nos ser colocada pelos portugueses, com uma estrada que era só pó e barro e sem telefone».

O enorme isolamento em que vivem os habitantes deste povoado gerou algumas situações-limite. Rosa recorda: «Há vinte e quatro anos, quando ia nascer o meu primeiro filho, tive de ir ao hospital em Orense. A coisa estava complicada e aqui não há médico. Como era Inverno, era impossível ir por Padrenda, pelo que nos restou cruzar Melgaço. Ali, em Ponte Barxas, o guarda deixou-nos entrar de novo em Espanha. Se não fosse ele, hoje estava morto».

As duas populações fronteiriças estão unidas por uma pequena ponte de pedra. Um pouco antes, uma tabuleta de pedra marca a passagem para terras portuguesas. Quase na mesma linha portuguesa, uma mulher vestida de negro rigoroso vigia um rebanho. O trânsito de pessoas e gado é frequente na zona. «Aqui nunca tivemos problemas — explica Manuel. Durante a ditadura, tínhamos um passe especial para poder passar».

O beneplácito oficial e as facilidades existentes em passar de um lado para o outro da fronteira trouxeram consigo uma nova actividade na zona: o contrabando. A passagem ilegal de mercadorias e, por vezes, mesmo de pessoas «é algo comum aqui».



Azureira vista de Portugal

«Em tempos havia muita gente que se dedicava a este tipo de actividade, lembra Manuel. Mas agora as coisas mudaram e já não compensa andar pelos montes com sacos às costas».

Em Alcobaça vivem cerca de trinta pessoas. Mulheres de idade vestidas de negro e algum velho são os últimos habitantes de um povoado dizimado pela emigração.

Apesar do êxodo, a localidade dispõe de alguns serviços impensáveis no lado orensano. Um destes tesouros é a igreja da Virgem dos Milagres. A este templo acorrem igualmente os vizinhos do outro lado do rio, que seguem o ofício religioso em português.

A única coisa que não é permitido compartilhar é o cemitério. Cada um enterra os seus mortos «do seu lado da fronteira».

Marisol Oliva
Do «Jornal de Notícias»

O Peixe!... É saudável

A revista feminina «Máxi» e vários médias internacionais, anunciaram após buscas e contactos feitos por equipas medicas que o peixe, além de ser um alimento de óptima qualidade, também contribui para o saneamento das artérias.

O peixe — noticiaram esses médias — é rico em lípidos insaturados com abundância, foram mencionadas em ordem decrescente: a Sardinha; a Cavala; Arenque; Atum e, por último, o Salmão.

Já se sabia que o peixe, em geral, é um alimento de qualidade, e muitos o consideram superior à carne. No entanto, não se deve comer só peixe ou só carne, pois, uma nutrição variada é necessária para um bom equilíbrio de substâncias alimentares. Mas, como em sete dias se fazem geralmente, quatorze refeições principais, comer quatro ou cinco vezes peixe não será demais, sobretudo para as crianças, visto que o peixe, além das boas propriedades citadas, têm muitas outras que a carne têm.

Antigamente, e ainda nos anos 60, comer frequentemente Sardinhas (ou chirelos) era algo pejorativo. Na vinda da feira, já se viam

os menos ricos — ou os mais poupados — «a Sardinha era comida de pobres», mas a qualidade objectiva era já e é superior à do Salmão.

Ainda hoje, por snobismo ou por cismas, alguns consideram certos peixes «pouco nobres», e destes faz parte a Sardinha... E nós, os nortenhos, temos uma Sardinha tão boa. Assada, é uma delícia que não se encontra noutros países e, para muitos, a Sardinha portuguesa é aneira... Agosteira!

O peixe é um alimento que não faz engordar, e mesmo os que são ditos «gordos», com as quatro espécies acima nomeadas não engordam ninguém senão aqueles que têm tendência a engordar, quer o comam ou não... Portanto, com relação a certas astúcias contemporâneas, até pode ser factor de economia para aqueles que gostam de desportos inverniais, visto que notícias fresquinhas de algumas horas informaram de uma moderna maneira para determinar o preço a pagar para pessoas que utilizam os teleféricos em uma estação de desportos na Suíça: o preço é calculado segundo o peso da pessoa, porém o preço máximo é aplicado aos 80 k., daí para cima não é, para já, aplicada uma sobre-taxa ou multa «de fora linha»!...

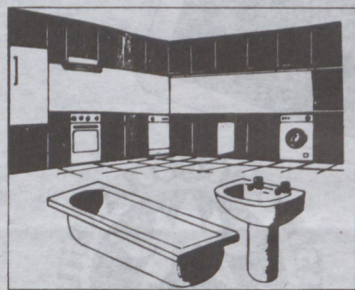
Francisco M. da Cunha
Paris, 24/1/1994

Fundação Eng. António de Almeida

Publicações

A benemérita «Fundação Eng. António de Almeida» trouxe a público, recentemente, duas valiosas publicações: «Revista Filosófica de Coimbra» e «Cruzeiro Simiótica». A Revista é do Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra, com o apoio da Fundação Eng. António de Almeida. «Cruzeiro Simiótico» tem como finalidade «a defesa da heterogeneidade e a recusa de uma estratégia epistemológica».

António Alberto Pinto de Oliveira



COMÉRCIO DE AJULEJOS,
MOSAICOS,
LOUÇAS SANITÁRIAS,
BANHEIRAS,
TORNEIRAS, ETC.

R. dos Galvões - Viv. Rosita e Oliveira - Catujal
Telef. e Fax 9412664 • Telemóvel 0676 - 451921
2685 SACAVÉM - Armazém nas Trazeiras

ELECTROVISÃO

Maria Adelaide Fernandes

Agente Oficial das Marcas:
AEG / TELEFUNKEN e GRUNDIG

Assistência Técnica
Venda de Aparelhos
Electrodomésticos

Rua do Rio do Porto
Telf. 42650/4 • 4960 MELGAÇO

Agência Funerária Orquidea

COM AUTO-FÚNEBRE PRÓPRIO

Fazemos funerais e transferências para todo o País e Estrangeiro. Tudo relacionado com o Funeral e todo o trabalho em flores naturais.

Serviço permanente

Contacte-nos pelos telefones:

Diurno: em Melgaço = 43048
Nocturno: em Alvaredo = 42037

Rua Dr. António Durães



Hotel Carandá

Praceta João XXI — 4700 Braga
Tel. 612 200 - Telex 32136 - Fax 612 211

Avenida da Liberdade, 96 — 4700 Braga
Tel. 61 45 00 - Telefax 77030

Proprietário e Administrador:

Manuel Rodrigues

Cada cliente, um amigo: cada melgacense, um familiar.

DECOR. ALTO.MINHO

DE Manuel Luis Domingues

Cortinados • Varões • Sanefas

Uma casa bem decorada é sinal de distinção e elevação.

Estrada Nacional - Vila • Telf. 43903 • MELGAÇO

O Trancoso e as suas margens. E a Corga do rio

Descendo o rio Trancoso
Com início em Alcobaça
É filme maravilhoso
Que na nossa vista passa:

Pontes, moinhos, etc.
O passado a passar
Todo o trabalho de um povo
Que nasceu para trabalhar
Até velho, desde novo!

Desde a Açoreira à Notária
E desde Cevide a Alcobaça
Há um riacho que passa
E em curvas descreve a raia.
Correndo e serpenteando
Este bucólio Trancoso
Descendo um vale formoso
Que entre o belo e o horroroso
Para mim não há igual!
À direita, terras de Espanha,
À esquerda, de Portugal.

Moinhos nas duas margens
A moer o cereal.
Todos «bebemos» desse rio,
Pelo suor da enxada:
São verdes campos de feno,
São verdes campos de milho,
São batatais, sem veneno,
São couves postas a trilha,
A seguir cebola e alho
Que a salsa nasce ao acaso.
Legumes postos a talho
E não faz falta espantinho
Que os pássaros, de galho em galho,
Já conhecem toda a gente...
Todos os campos são seus.
São seres que vêm de Deus,
Comem e deixam semente.

O gado pasce nos prados
Sem pegureiros a guardar;
Lá anda o dia inteiro
Para à noite regressar
Chocalhando, ao seu quinteiro.

E nos pontilhões de madeira
De Alcobaça e Cevide
Passam rurais em canseira
Nos meses de tanta lide;
Na velha CORGA DO RIO
Passam os carros agrícolas
Cheios até às caniças
Com estrume do curral.
Homens e gado sem preguiças
Laboram o dia inteiro.

VENDO

No Monte de S. Roque
-Peso. Terreno que dá para
construção. Informações por
telefone nº 44148

Fazendo Via-Sacra

P'lo caminho fizemos a Via-Sacra
Encontrando uma tosca cruz,
Vendo nela Aquele Sofredor Jesus
Tratado sem qualquer carinho!

Fizemos profunda reflexão,
Indo eu com um irmão
Meditando seriamente
Dando-o a conhecer à gente.

De olhos cerrados...
Penetrando em nós mesmos
Sem olharmos p'ros lados,
Esquecendo os abrolhos!...

Lembramos a paixão,
A morte e ressurreição,
De Jesus o Redentor
Que deu a vida por amor!

Os nossos graves pecados,
foram causa de condenação;
Perdoai-nos Senhor, Vos pedimos,
Com humildade de coração.

P'las Vossas grandes dores
Nossa senhora das Dores,
Acudi-nos e salvai-nos
Medianeira dos pecadores.



Prosseguindo a caminhada
Meditando em tantos desvarios...
Louvada sejas Mãe amada
E Vossos Sagrados Mistérios.

Por minha Culpa Senhor,
Por minha tamanha culpa,
Perdão e misericórdia
Deus d'amor e de concórdia!

Maria da Graça L. Cruz

REPARAÇÃO Ao poeta Gú

Abraços manda-os a rodos,
com gentileza e bons modos
a todos os Melgacenses.
Lembra meu irmão Augusto
que tal não implica em custo
como dizem os Forenses.

Pensando bem, querido mano,
ao evocares meu engano
Milhares de razões tu tens:
na próxima vez com desejos,
saúde, abraços e beijos,
vou mandar-te TRÊS VINTÉNS...

Manuel

Alto Minho Saúde - 92

A administração Regional de
Saúde de Viana do Castelo publi-
cou um belo e extenso trabalho, de
âmbito distrital e concelhio, sobre
Saúde, que titulóu «Alto Minho,
Saúde - 92».

O título marca a extensão do
trabalho e a data a que se refere,
pelo que também o nosso concelho
tem estudo cuidado e minucioso.

Merece leitura atenta, e parabens
aos organizadores.



CONSTRUÇÕES
Adelino Medela e Filhos, Lda.

«Orgulhamo-nos do que construímos»

CONSTRÓI, COMPRA, VENDE APARTAMENTOS E
LOJAS, EM BRAGA E PRAIA DE MOLEDO DO MINHO

Visite-nos na: Avenida Norton de Matos, nº32 • 1º Dto. • Sala F
(frente aos Correios no Largo dos Penedos) • Tel. 618525 • 4700 BRAGA

O Verdadeiro Cristão tem de ser pessoa de partilha

Na Igreja Católica, a única que
consideramos como verdadeira, de-
positária da Revelação Divina, reali-
zam-se muitos peditórios, ou ofertórios,
no decorrer do ano.

Pede-se para fins estritamente re-
ligiosos, para fins sociais, para fins
instrutivos, para fins humanitários;
pede-se para construções de carácter
religioso, etc...

Todos esses ofertórios são de uti-
lidade pública, sendo aprovados e re-
comendados pela Hierarchy, e neles
devemos participar na medida das
nossas possibilidades. Digo na medi-
da das possibilidades, porque ninguém
é obrigado a dar o que não tem e
também se não pode roubar para mi-
norar as necessidades alheias.

Hoje desejava referir-me aos
ofertórios nos templos e nos actos
sagrados.

Queixam-se os párocos e queixa-
se o povo que são muitos e que até
impedem de fazer obras ou reparações
precisas para o decoro dos lugares
sagrados. Em princípio têm razão, mas
como a Igreja de Cristo é universal,
por isso se chama «Católica», deve-
mos concordar que também devemos
cooperar duma maneira universal.

Além disso também a experiência
dos mais idosos lhes ensina que, quanto
mais se partilha das intenções da Hie-
rarquia, mais o povo oferece para os
templos e anexos da paróquia.

Esses ofertórios têm dupla finali-
dade: Ir remediar necessidades e fazer
apostolado, cumprindo o mandamen-
to do Senhor — Ide e ensinai.

Vão remediar necessidades na cons-
trução de Seminários e suas sustenta-
ção, na construção de Igrejas e resi-
dências em terras de Missões, na for-
mação de sacerdotes, missionários,
missionárias, catequistas, enfermei-
ras, médicos e advogados católicos,
na construção e sustentação de abri-
gos para doentes, inválidos, órfãos,

abandonados, leprosos, cancerosos,
casas de correcção, escolas católicas,
que vivem da benemerência do povo
cristão; vão ainda para o chamado
«Dinheiro de São Pedro», de que dis-
porá o Santo Padre, sem esquecer os
lugares Santos por onde Cristo andou
e morreu.

Muitos outros pontos podia indi-
car e que são duma importância capi-
tal.

A segunda finalidade consiste no
apostolado que se exerce com esses
ofertórios, fazendo conhecer ao povo
a universalidade da Igreja e a obriga-
ção que todos temos de nos ajudar
como irmãos que somos.

Na verdade o celebrante, ao anun-
ciar no domingo anterior o peditério a
realizar no domingo seguinte, faz uma
pequena exposição do destino a dar,
exortando os fiéis a participar com a
partilha dos seus bens e das suas ora-
ções, sofrimentos e Eucaristia durante
a semana e dum modo especial no dia
próprio, Conforme for a sua exorta-
ção, sentida, vivida e participada, maior
será o produto.

Por exemplo: É o dia do Seminá-
rio, ou da Diocese, fala dos Seminá-
rios como edifício a construir ou con-
servar, do Seminário vivo, isto é, dos
jovens candidatos ao sacerdócio, dos
superiores, dos meios para a sustenta-
ção, sua proveniência, da necessidade
do pessoal doméstico indispensável e
da necessidade da justa remuneração
e de muitas outras coisas que são pre-
cisas.

O que digo em referência aos Se-
minários, diz-se dos outros institutos
ou finalidades, mudando conforme as
circunstâncias.

Como este já vai longo, termino,
prometendo voltar ao assunto na pró-
xima ocasião oportuna.

A. Domingues

DAÑIEL VIDAL

- Tacos • Parquêt's • Lamparquêt's •
- Soalho • Forro • Vistas • Rodapés •
- Cortiças •

Fornecimento e Colocação

Agente das Tintas Garpintex

Estrada Rio do Porto • Tel. (051) 44361 • 4960 MELGAÇO

Construções de:

João da Costa Pereira de Macedo
Compra e venda de propriedades

- Vivendas e Apartamentos
- Escritórios - Estab. Comerciais
- Quinta - Lotes para construção
- Venda e aluguer de armazéns

Contacte

Escritório:
Av. da Liberdade, 498 - 1º Esq.
4700 Braga - Telef. 26535 - 773118

Residência:
Prado - 4730 - Vila Verde
Telef. 921319

Miraflor

A BOUTIQUE DAS FLORES

Ramos de noiva, ornamentação de
carros para casamentos, Decorações
de igrejas, Arranjos de flores frescas,
secas e artificiais, Coroas, Palmas,
Bouquets, Corações, Etc.

Rua Dr. Afonso Costa • Telefone 44014 — Melgaço

Notícias do Rio de Janeiro

Por
MANUEL
IGREJAS

No nosso jornal de 1 de Fevereiro, o Dr. Paulo Malheiro, com autoridade, analisa as futuras atividades das «Adegas» em organização no nosso Concelho. A Cooperativa e a Sociedade Anônima são devidamente esmiuçadas na sua existência e possível desempenho, notando-se claramente que a opinião do articulista é favorável à organização «Quintas de Melgaço», pelo seu carácter.

Ainda bem que alguém, e só podia ser um advogado, nos esclareceu definitivamente o que está aqui, para nós, longe da terra, até aqui, um tanto confuso. Através do nosso e outros jornais tomamos conhecimento da organização de uma cooperativa destinada a produzir e comercializar o vinho da nossa terra. Logo a seguir noticiavam o surgimento doutra cooperativa denominada «Quintas de Melgaço». Duas cooperativas duma só vez com a mesma finalidade nos pareceu algo fantástico.

O Dr. Paulo Malheiro esclareceu-nos e mais, deu sua avalizada opinião sobre o que espera a cada uma das organizações.

Obrigado a esse grande, atento e amigo colaborador.

* * *

Também ao amigo Alberto Sousa, da Amadora, o meu abraço de agradecimento por me incluir na sua bem humorada e oportuna poesia.

* * *

E, já que estou em maré de agradecimentos, aproveite para fazê-lo ao António Pires, em S. Paulo, pelo elogio ao meu trabalho na capa do livro do Pe. Júlio.

* * *

Por falar em ilustração, acabo de fazer a capa para o livro «O Embarque», mais uma história sobre emigrantes. O autor, Carlos Anastácio, jornalista e escritor patricio, solicitou a minha colaboração que, obviamente me prontifiquei a satisfazer.

* * *

Gente! em contacto com outra feliz família melgacense. Como já adiantara a vocês, o meu irmão Augusto enviou-me o endereço da Alzira, a filha do tio Amadeu Pires, de Sá, Paços.

Houve um contacto preliminar por telefone e prometemos encontrar-nos.

A segunda quinzena de Janeiro e a primeira de Fevereiro ficamos entregues totalmente aos netos que vieram passar as férias conosco. A Maria Clara, a Carolina e o Caio absorveram-nos com exclusividade. Foi um maravilhoso mês de praias, piscina e pic-nics, além da lambança que fizemos em casa. A Margarida foi levar a patotinha a Curitiba e a Bandeirantes, no Paraná e eu fiquei sozinho.

No domingo, 20 de Fevereiro, fui à missa das oito a ver se me encontrava com a Alzira e marido, José Santos. Além da muita gente havia grande número de casais de meia idade, cada um mais simpático que o outro e tornou-se impossível indagar quem era quem. Por coincidência a turma de Cristóval, Armando, Armadinho e Zilma também foram àquela missa e ficamos juntos.

Bem, ao final da missa resolví procurar a Alzira em sua casa que, segundo informações, era perto da igreja. Custou mas achei; muitas ruas parecidas coalhadas de palácetes. A vivenda da nossa conterrânea, em terreno ajardinado, tem a fachada revestida de mármore que lhe dá grande imponência. A própria Alzira

veio atender e logo em seguida o marido, todo molhado pois estava na piscina.

Identifiquei-me, cumprimentei e ameacei retirar-me para não atrapalhar o lazer da família com uma visita inoportuna; noutra oportunidade conversáramos, pois o quem disse que eles me deixaram ir embora? Fizemos questão que entrasse e sentados perto da piscina entabulamos uma comprida e animada conversa. Embora nunca nos tivéssemos visto parecia que eramos amigos de longa data.

E os assuntos fluíram espontaneamente sobre a comunidade e sobre Melgaço, molhada com cerveja gelada. Eles, toda a família, conhecem bem a nossa terra onde vão quase toda os anos. Aproveitando a confiança que me deram, botei a minha veia de repórter a funcionar e esmiucei-lhe a vida. É uma família bem sucedida, feliz e... bonita.

Em 1947, com 17 anos, a chamada do pai que já estava por estas bandas, o José da Cruz dos Santos deixou a sua aldeia de Moimentinha, concelho de Trancoso e, no «North King» também veio para esta terra.

A Alzira, a chamada da irmã Maria, com 16 anos, em 1953, fez parte da última viagem do «Serpa Pinto», deixando para trás o nosso Melgaço.

Foi uma vida atribulada, de trabalho e canseiras como a de todos os emigrante. Um dia, quando o José visitou uma irmã que morava em Copacabana, conheceu uma amiga dela que morava nas imediações. Foi amor à primeira vista! Alzira e José ficaram apaixonados no primeiro momento. Um ano de namoro e outro de noivado foi o suficiente para acertarem os pontos. O casamento aconteceu e foi o início duma convivência trabalhosa mas feliz que redundou na família constituída dentro dos mais rígidos preceitos de moral e religião. Do pequeno comércio num longínquo subúrbio, o José, mercê de tenacidade e trabalho honesto progrediu e enveredou por várias atividades.

Actualmente, a par da participação em vários negócios é sócio-Diretor da «Diana Confecção e Malharia, Lda», empresa de grande porte.

Daquela paixão repentina da Alzira e José, resultou nos Pires de Sousa: Fátima, José e Carlos Augusto, três melgasis que orgulham seus pais e a todos nós. E três outros melgasis, já da segunda geração, estavam na piscina, naquela bonita manhã de domingo, alegrando a vida daqueles avós vaidosos de sua prole.

A Fátima casou com Amaro Alves da Costa e tiveram a André Cristina; o José casou com Solange de Oliveira e têm o Victor Amadeu; e o Carlos Augusto casou com Maria Cristina Sousa e têm a Karina. Dei o sobrenome dos cônjuges para verificarem que todos são descendentes de portugueses.

O José e a Solange devem sua felicidade ao pessoal da TAP que durante três dias de greve obrigaram-nos a conviver no mesmo hotel em Lisboa. Regressavam de passeio em Portugal e essa retenção aproximou-os e apaixonaram-se. Moral da história: nem todas as greves são funestas...

É gente nova a participar do convívio melgacense. E mais, a Alzira tem aqui irmãos que preciso procurar e trazer para o redil da Terra de Inês Negra. Obrigado, gente boa!

* * *

A Alzira e o José ficaram inte-

ressados pelo nosso jornal, que não conheciam, tal a promoção que eu sempre faço dele. Dr. Carlos Nuno, queria enviar-lhe o jornal para:

José da Cruz dos Santos Rua Nazaré Menezes, 59 Cep. 21931-330 Jardim Guanabara-Ilha do Governador. Rio de Janeiro BRASIL. O pagamento da assinatura fica assegurado na próxima viagem deles, agora em Maio, ou então a sobrinha, Lizete Cândida Araújo, diretora dos correios em Viana do Castelo, se responsabilizará.

* * *

Vamos continuar a novela da visita do Sr. Pe. Júlio que ainda tem pano para mangas...

No último capítulo tínhamos terminado o regafefe na casa da Elvira e Jacinto e dirigimo-nos para a capela do Colégio Na. Sa. do Amparo onde o Sr. Pe. Júlio ia celebrar. Além do grupo de amigos a missa teve a participação dos alunos do colégio com música e cantos. Muito bonito e tocante. Valeu, Elvira, você é maravilhosa!

À celebração eucarística assistiu também, uma nova personagem, a Teresa. Simpática visiense, esposa doutro ilustre melgacense, o Manuel Afonso, de Terceira, primo do Sr. Pe. Júlio. Este conterrâneo é muito dinâmico, sempre assoberbado com mil negócios, há dois anos atrás, quando da outra visita, não houve jeito de nos avistarmos com ele. Desta vez, graças às deligências da Elvira, o encontro deu-se. Na saída da missa chegou o Manuel Afonso e aconteceu uma explosão de abraços em plena via pública. Este amigo de pronto se revelou uma criatura simpática e acolhedora. Tanto ele como a esposa estavam radiantes com a presença do Pe. Júlio. Logo pleitearam a presença de todos em sua casa. Antes, porém, por injunção da Elvira e Luisa, visitou-se o Centro de Defesa dos Direitos Humanos, obra fundada e dirigida pelo eis Frei Leonardo Boff.

Depois, então, a caravana, três carros, dirigiu-se para o bairro Mosele onde o Manuel Afonso tem a sua panorâmica residência, na encosta da montanha. Em centro de terreno, com pomar e figueiras, pereiras, pessegueiros e videiras, tem até uma nascente própria que parece um regato. E nova confraternização à volta da mesa coberta de iguarias, aconteceu. O António, filho mais novo do Manuel e Teresa, 14 anos, esteve em casa. Garotão, alto, inteligente e bem parecido, mostrou-se simpático e conversador. A filha Simone, gatinha de 17 anos, vive em São Gonçalo com os avós maternos por conveniência de estudos. A reunião na casa do Manuel Afonso foi um rosário de recordações. Puxa daqui, remexe de lá na memória, chegou-se à conclusão que todos se conheciam na terra quando moços. E a felicidade era tão grande que os corações se abriam e confidências foram reveladas. Os precalços da vida, a agitação do dia a dia, a luta pelo bem estar da família redundaram no sucesso actual desta nossa gente.

Tinha anotecido e nós, do Rio, precisávamos regressar. Em 20 horas quando se deu a despedida. Como não conheço aquelas paragens o Manuel Afonso com o filho António, prezeirosamente prontificaram-se a nos indicar o caminho, o que fizeram em seu carro até à saída da cidade.

Às 22 horas estávamos em casa encerrando mais um dia repleto de

informação fotográfica



Irmãs Golim, Perpetua e Maria, e P. Júlio

emoções e bem querer. Valeu, gente boa!

Terça-feira, 23 de Novembro. O circuito do Rio de Janeiro empreendido pelo Sr. Pe. Júlio conosco na peugada, com etapas nas casas dos melgacenses, estava na reta final. Não desfiz a troca e continuei com o carro do Carlos de Assis. Niterói mais uma vez o destino.

Antes de sairmos de casa telefonei à Perpetua Golim avisando que iríamos passar por lá para deixar os cumprimentos para toda a família que ela distribuiria. O Manuel e a Idalina estavam em Portugal, o Henrique e Teresa estavam veraneando em Aruba, Antilhas; frisei à Perpetua: Não inventa moda que temos de almoçar na casa do Mário Ranhada.

E lá fomos nós directos à Perpétua. A irmã, Maria, avisada, também lá estava, o filho, Manuel João andava na vida dele e não deu para estar ali àquele hora. Não íamos demorar: pois sim! Depois que lhe telefonei, no espaço duma hora, a Perpétua preparou uns bolinhos de bacalhau... hum... que senhores bolinhos! Quentinhos, crocantes, maravilhosos, acolitados por camarões. Cerveja, vinho e aguardente, também vinho do Porto... que é que se pode fazer a esta turma? Agradar-lhe! Foi o que fizemos. A conversa amiga tempe-

rando o repasto.

Com algum sacrifício de parte a parte despedimo-nos. O Sr. Pe. Júlio deixou abraços e o seu livro para toda a família Golim lamentando não poder abraça-los pessoalmente. Estávamos nas imediações do Campo de S. Bento e resolvemos atender ao pedido do Manuel Afonso: visitar a prima, por sinal também prima do Pe. Júlio, a Maria Helena Esteves, filha do Augusto da Clementina de Portocarreiro, proprietária da «Confeitaria Rosa do Campo».

A Surpresa foi grande, a Maria Helena, brasileira, não conhecia nenhum de nós, conhecia sim, as pessoas antigas da família, como o Sr. Pe. Júlio evocou. De qualquer forma foi mais uma melgacense descendente que descobrimos.

O próximo passo foi a Igreja de São Judas Tadeu onde o Monsenhor Abílio Real Martins aguardava o Pe. Júlio para as despedidas que aconteceram na porta da igreja. Finalmente guiados pela Aurora que mora naquelas paragens e fazia parte do time naquele dia, chegamos a Itaipú, vinda da Ana e Mário Ranhada. O que foi a convivência na casa destes amigos é assunto para o capítulo final da nossa novela. Não podemos esperar! Por hoje é só.

Rio, 24/2/1994 — M. Igrejas

Mais uma obra do Cónego António Luiz Vaz

No dia 3 do corrente, às 21.30 horas, foi apresentado na cidade de Braga o último trabalho do Cónego António Luiz Vaz: «Missa de Braga: segundo o Vaticano II e normas posteriores».

A apresentação foi feita no Museu Nogueira da Silva, da Universidade do Minho, e por iniciativa da Biblioteca Pública de Braga.

Com a sala literalmente cheia, o professor universitário, Doutor Amadeu Torres, fez a apresentação da obra, e o Autor, no final da sessão, e, depois dos agradecimentos, falou do Rito Bracarense e da necessidade e urgência de o tornar vivo na Diocese Bracarense.



SOLIZENDE
Soc. de Construções, Lda.

CONSTRUÇÃO E VENDA

Vila Praia de Âncora

A 200 METROS DO MAR

Apartamentos com

- Garagem
- Antena Parabólica
- Parque Infantil
- Gás Canalizado
- Aquecimento Central
- Vistas para o mar

Escritório:
Rua 5 de Outubro, 306
Tel/Fax (058) 951655
4915 - VILA PRAIA
DE ÂNCORA